

# Um jogo de Winnicott

Tales A. M. Ab'Sáber

Construído como jogo, este texto investiga seis questões essenciais na obra e no pensamento de Winnicott, que são desenvolvidas em algumas de suas conseqüências: um desenho teórico, e também um esboço biográfico.

**U**m jogo com seis temas de Winnicott, em que o refletir é especular. Uma imagem que se multiplica mas que é sempre a mesma. Por trás da clareza única do estilo de Winnicott, descobre-se um mundo muito complexo. As questões aqui são: clínica, ambiente, psicanálise, criatividade e paradoxo.

## **Clínica**

A referência clínica em Winnicott é uma constante. Com exceção dos textos que dizem respeito à articulação entre fenômenos transicionais e cultura, é muito raro encontrarmos em Winnicott algum trabalho que não traga a experiência clínica que lhe deu origem. Podemos pensar na velha tradição filosófica inglesa, associação já feita por mais de um autor. Mas o empirismo clássico viria à luz para ser suspenso pela emergência paradoxal dos fenômenos transicionais.

São comuns referências a experiências clínicas estruturantes do analista, que se deram no poder estar e experimentar a manifestação psíquica do outro. Empíria é poder aguardar e experimentar a experiência psíquica do outro, o que surpreende. Relembremos duas passagens entre muitas.

A primeira, a respeito da possibilidade do analista permitir a regressão:

“Passei portanto por uma experiência única, mesmo para um analista. Não posso deixar de me sentir diferente do que era antes desta análise ter início. Não-analistas não compreendem a enorme quantidade de coisas que este tipo de experiência com um paciente pode nos ensinar; porém, entre analistas, posso esperar uma total compreensão do fato de esta

Tales A. M. Ab'Sáber psicanalista, é mestre em artes pela ECA-USP e doutorando em psicologia clínica no IPUSP. É também aluno do primeiro ano do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

experiência que tive ter testado a psicanálise de uma maneira especial e ter me ensinado muito.”<sup>1</sup>

A segunda, a experiência clínica com a menininha de um ano relatada pela primeira vez em 1931, que está na origem do clássico texto de 1941, “A Observação de Bebês em uma Situação Estabelecida”, e que é evocada novamente como experiência originária em 1971. O bebê foi levado a Winnicott sofrendo de quatro a cinco convulsões diárias, chorando compulsivamente, sem prestar atenção em ninguém, nem na mãe nem nele, sem se comunicar a não ser desta forma desoladora. O ponto forte do relato é o da experiência psíquica que se tornou possível entre ele e o bebê:

“(…) No correr de uma das consultas fiquei com a criança sobre os joelhos, observando-a. Ela tentou, furtivamente, morder minha junta dos dedos. Três dias mais tarde, coloquei-a novamente sobre os joelhos e esperei para ver o que faria. Mordeu minha junta dos dedos, por três vezes, tão fortemente que quase me cortou a pele. Brincou então de atirar espátulas no chão, incessantemente, durante quinze minutos. Chorava durante todo o tempo, como se estivesse infeliz. Dois dias depois, tive-a sobre os joelhos por meia hora. Ela sofrera quatro convulsões nos dois dias anteriores. A princípio, chorou como de costume. Mordeu novamente a minha junta, com força, dessa vez sem demonstrar sentimentos de culpa, e depois brincou de morder e de jogar fora as espátulas; enquanto estava sobre meus joelhos tornou-se capaz de sentir prazer em brincar. Após certo tempo começou a mexer nos artelhos com os dedos, de modo que fiz com que lhe tirassem os sapatos e as meias. O resultado disso foi um período de experimentação que absorveu todo o seu interesse. Parecia estar descobrindo e experi-

mentando, repetidas vezes, para sua grande satisfação, que, enquanto as espátulas podiam ser postas na boca, jogadas fora e perdidas, os artelhos não podiam ser arrancados fora.”<sup>2</sup>

Winnicott nos conta então que a partir desta sessão a bebezinha mudara muito: as convulsões desapareceram, passara a dormir bem e estava feliz durante o dia. Quatorze

**E**m Winnicott, a experiência clínica, na sua mágica surpresa criadora do analista, se iguala à cultura.

dias depois a melhora se mantivera, e a mãe pediu sua alta. “Visitei essa criança um ano mais tarde e soube que, desde a última consulta, não apresentara qualquer sintoma. Encontrei uma criança inteiramente sadia, feliz, inteligente e amigável, que gostava de brincar, e liberta das ansiedades comuns.”

Vemos que o real oferece ao analista o seu problema, claramente porque o analista tem condições internas de ir ao encontro dele. Exatamente da mesma forma que a menininha de um ano ao ser colocada no colo e poder ter uma experiência, Winnicott parecia estar experienciando repetidas vezes, para sua grande satisfação, a emergência em si mesmo dos fenômenos transicionais, na experiência

empírica e na ordem interior que a permitiu. Os fenômenos transicionais se deram a quem podia vivê-los, ou já os continha, ou os criou em si e no mundo.

Toda a obra surge da experiência clínica. Toda experiência clínica já é a descoberta dos fenômenos transicionais. Em Winnicott a experiência clínica, na sua mágica surpresa criadora do analista, se iguala à cultura.

### Crianças

O analista das crianças. O analista que mais aprendeu com as crianças, por um motivo simples: foi de longe aquele que mais brincou. “O analista que não é capaz de brincar não é capaz de analisar”, diria Winnicott. Novamente sua condição pessoal toca a cultura.

“Há contudo um ponto que se pode dizer teve significação especial, em meados dos anos vinte, quando ainda era pediatra praticante, vendo muitos pacientes no hospital-escola e dando a oportunidade a quantas crianças fosse possível de se comunicar comigo, desenhar figuras e me contar seus sonhos. Fiquei surpreso com a frequência com que *as crianças sonhavam comigo na noite anterior à consulta*. Esse sonho com o médico que elas iam ver obviamente refletia o preparo mental imaginativo delas mesmas em relação a médicos, dentistas e outras pessoas que se supõe sejam auxiliaadoras. Também refletiam, em graus variados, a atitude dos pais e a preparação que fora feita para a visita. Contudo, lá estava eu quando, para minha surpresa, descobri ajustando-me a uma noção pré-concebida. As crianças que tiveram esse sonho me diziam que era *comigo* que haviam sonhado. Numa linguagem que uso atualmente mas que não estava preparado para utilizar naquela época, encontrava-me na situação de objeto subjetivo.”<sup>3</sup>

Vemos Winnicott, muito jovem, totalmente disponível para que “quantas crianças fosse possível” se comunicassem com ele. *Comunicar* aqui é a manifestação de um movimento inconsciente preciso, e o termo virá a fazer parte da técnica e do vocabulário de Winnicott nos anos de maturação das hipóteses originárias. A comunicação inconsciente, que apareceria plenamente configurada nos movimentos criativos do *self* no jogo do rabisco, já era percebida nas origens de todo o trabalho, seja na criança que moradia os dedos do analista, comunicava, e constituía sua experiência de *self* em um ambiente possível, ou na criança maior, que sonhava com Winnicott antes de ir à sessão.

Winnicott estava preparado para *o uso que as crianças podiam fazer dele e do setting*, espaço em que as comunicações inconscientes se dão. Aqui o ambiente e o analista, com seu ambiente interno, criam condições profundas para a troca psíquica. A comunicação é função do ambiente, bem como a própria percepção teórica do que ocorreu na sessão. Estas experiências, de grande impacto sobre a alma de criança e analista, levariam mesmo dezenas de anos para serem compreendidas conceitualmente. No fim dos anos 60, Winnicott pôde então nomear claramente a experiência originária dos anos 20: tratava-se de emergência de objetos subjetivos, o primeiro movimento no processo mais amplos dos fenômenos transicionais.

Masud Khan nos dá um impressionante relato da capacidade de Winnicott aprender com as crianças ao se colocar a sua disposição, no fragmento da conversa final sobre a menina Veronique, caso compartilhado pelos dois analistas em 1969. Winnicott lhe diz: “As pessoas adoraram sonhar! Isto não é nenhuma novidade para mim. Eu vi em consulta mais de sete mil crianças. Algumas chegavam sonhando, e voltavam para suas casas ainda sonhan-

do. Nestes casos a tarefa clínica era não perturbar o seu sonho. Não dar as interpretações *do analista*.”<sup>4</sup>

As crianças, todas as crianças do mundo, trazem ao analista o seu potencial de criação e de doação de sentido pessoal à experiência, aqui assinalado no sonho, em outros textos no brincar. O desenvol-

possibilidade teórica, no movimento da mãe que inscreve a qualidade da pulsão no psiquismo do bebê.

Bertrand Lewin foi o primeiro a perceber que o *setting* analítico clássico, que chamou de “situação analítica”, estava intimamente articulado ao funcionamento mental do neurótico sonhador, produzindo a

Winnicott modifica o *setting* clássico  
ao entender que o ambiente  
é o aspecto essencial. Para ele,  
o próprio analista é fator do ambiente.

vimento técnico específico da clínica winnicottiana é colocado com toda a clareza: a interpretação do analista não pode roubar o espaço da criação e da auto-criação das crianças, e dos adultos, sobre si mesmos, aqui indicado no sonhar um sonho que é de *self*. Winnicott comentaria esta postura como “não roubar a interpretação do cliente”, e outros analistas perceberiam aí uma radicalidade técnica de alto poder crítico sobre a psicanálise freudiana, e principalmente sobre a kleiniana.<sup>5</sup>

## Ambiente

Ambiente é o colo do analista, onde a menininha começa a poder experimentar brincar e ser, são as condições psíquicas da mãe, é *holding*, *handle* e apresentação de objetos, é o *setting*, a situação analítica, e as possibilidades psíquicas do analista, que determinam a tonalidade afetiva do espaço.

Winnicott vai desenvolver a teoria e a clínica do que em Freud está indicado apenas como uma

neurose de transferência. O *setting* clássico foi feito para o neurótico clássico, e desdobrou-se a partir do trabalho de Freud com seus próprios sonhos e sua própria neurose. Nele, tudo é feito na direção da emergência de uma fala próxima dos processos do sonho: este está vedado na situação, onde se deve falar e não dormir, mas é substituído pela neurose de transferência. Winnicott foi quem desenvolveu estas hipóteses até as suas últimas consequências, clínicas, teóricas e técnicas, ao de fato pensar a maleabilidade do *setting* em direção a outras experiências psíquicas.<sup>6</sup>

Winnicott modifica o *setting* clássico quando passa a manejar a regressão profunda, entendendo que a esfera do ambiente é o aspecto essencial neste tipo de vivência: o analista é ele próprio fator do ambiente. Passa a incluir no processo analítico experiências psíquicas e de desenvolvimento que não podiam usar a situação analítica tradicional. Equaciona com firmeza o problema ao perceber, como Lewin, que o limite do *setting* clássico é o limite da sua matriz clínica.<sup>7</sup> A emergência de

uma situação analítica em adaptação às necessidades mais profundas do cliente, e menos formatadas, levaria cada vez mais a formas de trabalhar que não contêm a psicanálise no interior do *setting* clássico: da situação estabelecida do hospital às sessões terapêuticas, da psicanálise de demanda (da menina Piggie por exemplo) à psicanálise na vida de Masud Khan.

É no tempo e no ambiente que se dão as experiências de regressão, ou de uso do *setting*, ou de uso do analista.

Vejamos um ponto em que Winnicott parece definir este caminho: "Examinemos a forma como Freud escolhia seus casos. Podemos dizer que ele tratou daqueles casos que haviam sido adequadamente cuidados no início da infância, os psiconeuróticos. (...) Freud toma a situação de maternagem inicial como algo natural e, de acordo com meu ponto de vista, esta situação apareceu na sua criação de um *setting* para seu trabalho, sem que ele tivesse muita consciência do que estava fazendo. Freud foi capaz de se analisar como uma pessoa total independente e interessou-se pelas ansiedades que fazem parte das relações interpessoais. É óbvio que, mais tarde, examinou teoricamente

o início da infância e postulou fases pré-genitais do desenvolvimento pulsional, continuando, junto com outros colaboradores, a elaborar detalhes e a se aproximar cada vez mais das origens da história do indivíduo. Esse trabalho sobre as fases pré-genitais não foi levado até suas últimas conseqüências, porque não se baseava no estudo de pacientes que precisavam regredir na situação analítica."<sup>8</sup>

Foi exatamente o trabalho com as crianças que não podiam se constituir no percurso libidinal descrito por Freud - que não se tornaram inteiras, pode-se dizer, que necessitarão regredir e usar o *setting* para viver experiências pulsionais e de *self* vedadas a elas na experiência ambiental original - que permitiu a Winnicott ampliar o quadro metapsicológico clássico, incluindo o ambiente como dimensão estruturante em todo o processo.

A construção da psicanálise a partir da matriz dos psiconeuróticos, e principalmente da estabilidade do mundo interno de Freud, neurótico clássico, sonhador por excelência, levou ao estabelecimento da situação analítica na neutralidade do *setting* clássico, ele mesmo distante, no tempo e no espaço, das necessidades ambientais específicas de pessoas que ainda não habitam uma trama simbólica que lhes é própria, e trazem falhas profundas na origem da relação entre *self* e ambiente. Na modificação da situação analítica em direção a estas experiências e necessidades muito primitivas, abrem-se as portas para a psicanálise dos casos fronteiros e psicoses, como Winnicott pôde trabalhá-los. Vejamos como comenta o problema e propõe novos desenvolvimentos aos seus pares analistas, em 1954:

"Surge porém a questão: o que fazem os analistas quando a regressão (mesmo em estado diminuto) ocorre? Alguns dizem rudemente: sente-se direito! Puxe suas meias! Volte! Fale! Mas isto não é psicaná-

lise. (...) O que estou pedindo que os analistas façam destas questões em seu trabalho prático?

1. Não lhes estou pedindo que atendam pacientes psicóticos.
2. Nada do que disse afeta os princípios da prática usual, contanto que: (a) o analista esteja na primeira década de sua carreira analítica; (b) o caso seja o de um neurótico verdadeiro (não-psicótico).
3. Sugiro que, enquanto esperam, através do aumento de sua experiência pessoal, poder enfrentar um caso no qual há ocorrência da regressão, há muito que os analistas podem fazer para se preparar:
  - a) observar a operação de fatores do *setting*;
  - b) observar os exemplos menos significativos de regressão com um término natural, que aparecem durante as sessões analíticas; e
  - c) observar e utilizar os episódios regressivos que ocorrem na vida do paciente fora da análise, episódios que, posso dizer, são geralmente desperdiçados, contribuindo muito para o empobrecimento da análise.

O principal resultado das idéias aqui formuladas, caso sejam aceitas, será a utilização mais precisa, rica e lucrativa dos fenômenos do *setting* em análises comuns de não-psicóticos, resultando, segundo creio, em uma nova abordagem e compreensão da psicose, e no seu tratamento por psicanalistas através da psicanálise."<sup>9</sup>

Surge aqui uma noção de tempo incluída no interior da formação do analista, como percurso a ser vivido. Nesta formação, a pesquisa envolve amplo interesse sobre as formas de manifestação do psíquico, o que, é claro, implica sempre o próprio psiquismo do analista. Também é no tempo e no ambiente que se dão as experiências de regressão, ou de uso do *setting*, ou de uso do analista. O tempo da formação e das experiências psíquicas que o analista "se sente forte" para suportar também fazem parte do am-

biente, e estão impressas em uma importante noção de Winnicott: a seleção do analisando e de si mesmo. Toda esta passagem, como muitas outras em sua obra, nos fala deste tempo e desta seleção, que certamente é auto-seleção.

## Psicanálise

Winnicott simultaneamente se aproximou e se afastou da psicanálise. Psicanalista que vivia suas experiências clínicas e psíquicas no hospital pediátrico, para ele a psicanálise parece ser sempre *outra*. São muitas as referências à necessidade da formação psicanalítica clássica, ao mesmo tempo em que sempre se indicam com firmeza os seus limites. Comentando sobre as sessões terapêuticas com o jogo do rabisco, psicanálise radicalmente fora de sua forma clássica, afirma:

“A psicanálise continua sendo para mim a base deste trabalho, e, se um estudante me perguntasse, eu diria sempre que o treinamento para o trabalho (que não é psicanálise) é o treinamento na psicanálise. Não é fácil transformar um candidato inadequadamente escolhido em um bom analista, e indubitavelmente a parte principal da seleção é sempre a auto-seleção.”

Sabemos, e temos um importante relato no caso da menina Piggie, quão marcante foi a herança kleiniana sobre sua escuta e sua forma de interpretar, mesmo porque foi Klein quem lhe permitiu, do ponto de vista teórico, trabalhar com seus bebês. Winnicott escreveu sobre este encontro, e sobre todo o panorama da psicanálise em Londres quando iniciava sua análise pessoal. Após afirmar que desconhecia completamente o conflito entre Melanie Klein e Anna Freud quando foi procurar sua análise, conta o que foi importante para ele: “(...) Se alguém granjeou minha gratidão foi Ernest Jones e foi a ele que recorri quando achei que necessitava

de ajuda em 1923. Ele me pôs em contato com James Strachey, por quem fui analisado por dez anos. (...) Tornou-se um momento importante em minha vida aquele em que meu analista interrompeu minha análise e me falou de Melanie Klein. Ele tinha ouvido falar de minha tentativa de aplicar o que obtinha de minha própria análise aos casos de crianças trazidas a mim por causa de todas as espécies de doença pediátrica. Strachey me disse: ‘Se está aplicando a teoria psicanalítica a crianças, deveria travar conhecimento com Melanie Klein. Ela foi trazida à Inglaterra por Jones para fazer a análise de alguém muito especial para ele; está afirmando algumas coisas que podem não ser verdade, e isto você deve descobrir por si mesmo, pois não conseguirá o que Melanie Klein ensina em minha análise de você.’

De modo que fui ver e ouvir Melanie Klein, e descobri uma analista que tinha muito a dizer sobre as ansiedades que pertencem ao primeiro anos; instalei-me para trabalhar auxiliado por ela. Levei um caso descrito com grandes pormenores, e ela teve a bondade de lê-lo todo. Na base dessa análise pré-kleiniana que eu realizara, baseado na minha própria feita por Strachey, vim a aprender algo da imensidão de coisas que descobri que ela já sabia.”<sup>10</sup>

É assim que Winnicott sempre teve um lugar especial na sua Sociedade. Recebido por Jones, analisado por Strachey, entrou em contato com algo da herança freudiana viva da época, mas formou-se teoricamente com Klein. Strachey foi perfeito ao lhe indicar Klein para estudar, fazendo conciliar no interior do jovem analista duas tradições que poderiam ter sido vividas como antagônicas.

No entanto, é sabido que o lugar de Winnicott sempre foi relativamente isolado em relação aos seus pares. Suas percepções, baseadas em cuidadosas observações e experiências clínicas preciosas, por vezes chegavam ao mundo de Klein - e o melhor exemplo é refe-

**T**oda a teoria da criatividade e dos fenômenos e objetos transicionais ficaria isolada, sem possibilidade de diálogo com o campo kleiniano.

rência em 1946, na qual Klein contrapõe hipóteses de Glover e Fairbairn sobre a origem do ego arcaico à hipótese de Winnicott: “A meu ver é mais útil a ênfase dada por Winnicott à não-integração do ego arcaico”<sup>11</sup>. Mas toda a teoria da criatividade e dos fenômenos e objetos transicionais ficaria isolada do campo kleiniano, nunca podendo ser introduzida em sua metapsicologia, ou mesmo produzir algum diálogo.

Uma carta de 1952 é preciosa a respeito do que Winnicott viveu. Klein é a melhor e mais criativa dentre os analistas, afirma ele, e sabemos o que ela significou em seu percurso; mas o fechamento da psicanálise em um grupo que esteriliza toda a linguagem e todo pensa-

mento, que ela permitiu que se criasse ao seu redor, não era aceitável. Klein deveria romper com os kleinianos, se quisesse que seu pensamento se mantivesse vivo. "Você é a única que pode destruir esta linguagem chamada doutrina kleiniana e kleinianismo, e tudo isso com um objetivo construtivo."<sup>12</sup>

teórico que Winnicott há muito pesquisava praticamente sozinho.

Em 1948, M. Masud Khan o descobriu: ele viria a ser o principal divulgador da obra e do pensamento de Winnicott, já nos anos 60. Durante muitos anos, na sociedade dos psicanalistas, foram Milner e Khan os dois únicos a *escutar* Winnicott.

descobrir-se e à própria psicanálise.<sup>15</sup> A psicanálise ofereceu-lhe objetos, ele soube usá-los e recriá-los. Winnicott transformou seu percurso e sua formação em psicanálise em um imenso campo de criação, onde pôde receber algo da cultura, e acrescentar a ela algo de seu. A psicanálise foi o grande brinquedo de Winnicott.

## Articulada à motilidade, a criatividade ocupa o centro de toda a forma de compreender a saúde e a doença.

### Criatividade

A aproximação teórica da noção de *criatividade primária* guarda muitas surpresas. Articulada ao princípio vital da motilidade, que todo ser humano traz ao longo de sua existência, a criatividade em Winnicott ocupa o centro de toda forma de compreender a saúde e a doença. Quando, no coração de *O Brincar e a Realidade*, fala de sua forma de compreender a criatividade, todo o percurso é também a constituição de uma "psicopatologia" cuja característica é a radical desinscrição da saúde e da doença de qualquer psicopatologia, e a aproximação destas formas da existência com o universo único da vida.

Winnicott parece ser o primeiro dos "analistas modernos", analistas sem escola. A herança freudiana e kleiniana é nele motivo de inquietação e pesquisa, instrumento de desenvolvimento constante de sua escuta e da psicanálise. Reclama da paralisia em que seus pares se metiam, e durante muitos anos foi mantido relativamente paralisado em sua sociedade<sup>13</sup>, aprendendo tanto de suas crianças e de si mesmo quanto da psicanálise que herdara. Nunca constituiu um grupo ao redor de suas verdades, permitindo aos analistas se aproximarem dele da forma que quisessem, assim como as crianças.

Apenas em 1952 Marion Milner publicaria, na coleção de estudos dedicados ao septuagésimo aniversário de Melanie Klein, o artigo "Papel da Ilusão na Formação Simbólica"<sup>14</sup>, onde pela primeira vez vemos um outro analista trabalhar na esfera psíquica da criatividade e da ilusão, remetendo-se ao mundo

A diferença, que podia ser radical, era também a diferença de manter-se pesquisando sem buscar um lugar de poder, apesar de ser alçado a ele como mediador de grupos cuja convivência era difícil. Winnicott viu suas teorias, durante muitos anos, "serem polidamente ignoradas" em sua Sociedade, o que pôde suportar com as muitas solicitações externas que recebia, com seu trabalho contínuo com suas crianças, e com os dois analistas interessados em suas descobertas e técnica. Desta forma teve condições de presidir por duas vezes aquela que, cindida por décadas, foi uma das mais importantes Sociedades de Psicanálise do século.

Em Winnicott, tradição e descoberta estão em articulação, assim como ser *outsider* e estar no poder da instituição são condições que podem conviver.

Do saber freudiano ao saber kleiniano, Winnicott e a psicanálise produziram um encontro vivo, onde ele pôde se desenvolver até o fim,

"É importante para nós que *não* encontremos clinicamente *qualquer linha nítida* entre a saúde e a esquizofrenia plenamente desenvolvida (...). Vemos com suspeita qualquer teoria da esquizofrenia que a divorcie dos problemas do viver usual e das proposições universais do desenvolvimento individual em determinado meio ambiente."<sup>16</sup>

As noções tradicionais de doença e saúde são suspensas pela universalidade do desenvolvimento humano em um ambiente onde a criatividade poderá ou não ser exercida, o *self* reconhecido, a transição da onipotência originária realizada de forma satisfatória. Este espaço de encontro e transição com o ambiente, onde se manifesta a criatividade, Winnicott chamará, em outro momento, de *sagrado*.

As formas de estar na cultura (que também é ambiente) estão igualmente em jogo nesta suspensão dos valores tradicionais envolvidos na concepção de saúde e doença.

As formas estruturais de conceber a doença psíquica são lançadas por terra por uma psicanálise que passa a assumir integralmente a responsabilidade pelo potencial mutativo que é capaz de mobilizar, o que é função direta do desenvolvimento e das condições internas do analista, inclusive quanto a poder criar algo em seu trabalho. Para Winnicott, não há distinção psíquica que impeça um ser humano de vivenciar seu potencial criativo em alguma situação ambiental propícia, o que o analista pode vir a promover. Caem por terra os limites da analisabilidade, que para Winnicott não existem. Para ele, também, toda resistência provém do analista.

Por outro lado, o sofrimento em situações culturais violentas é expressão mais verdadeira das condições humanas, e revela a permanência da criatividade como dimensão crítica. A completa adaptação é esvaziamento muito mais radical da necessária condição criativa humana.

A criatividade primária, não-derivada, aponta em direção a um princípio monista no interior de sua psicanálise. Afirmação de uma condição humana universal, que sempre, em condições médias, se colocará para a existência, a criatividade é um princípio unificador de toda a ação humana, força vital que define o humano. Sua necessária articulação ao ambiente vai definir seu destino específico, e Winnicott vinculará este princípio vital às dimensões propriamente conflitivas do psiquismo humano: as ansiedades e fantasias inconscientes, e os processos pulsionais mais avançados, descritos pelas formulações clássicas.

“É verdade que uma criação pode ser um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura;

tudo, desde uma refeição preparada em casa. A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo. (...) O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente

## Em Winnicott, o monismo originário do princípio da criatividade articula-se ao dualismo metapsicológico da psicanálise clássica.

quando *qualquer* pessoa - bebê, criança, adolescente, adulto ou velho - se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, seja uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical. Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele.”<sup>17</sup>

Esta epifania do humano na criatividade é a crítica mais radical de Winnicott à velha tradição biologizante da psicanálise, que por vezes reduz o ser humano às forças básicas, formuladas em termos físi-

cos e materiais, não-humanos.<sup>18</sup> Trata-se de uma chave hermenêutica, uma filosofia unitária emergente da clínica, e que a ela retorna de forma muito potente. Criatividade não é derivada, a cultura e a civilização não são o ponto de chegada de um processo de humanização, que na sublimação se tornaria possível; mas onde houver pessoas humanas, a cultura e a civilização já estão. O lugar da experiência cultural é o lugar da experiência de criação humana, força unificada de qualquer existência que possa se realizar.

Os fenômenos transicionais ligam o princípio monista da criatividade ao relacionamento interpessoal e ao uso de objetos compartilhados, universo dual da psicanálise do inconsciente freudiano. Assim em Winnicott o monismo originário do princípio da criatividade articula-se ao dualismo metapsicológico da psicanálise clássica, que no percurso da existência reporá o princípio monista na medida em que o *self* venha a produzir-se a si e ao mundo através de sua criatividade. Este processo continua a se produzir indefinidamente.<sup>19</sup>

É exatamente esta articulação de dimensões unificadas e duais da existência que é expressa nas concepções de elementos femininos puros, onde *o self é o objeto*, e de elementos masculinos puros, onde *o self usa o objeto*. A respeito destes *elementos*, Winnicott anuncia uma de suas mais claras formulações, como a dos objetos transicionais, de imensa repercussão teórica e clínica: “Hoje eu desejo dizer: Após ser - fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo.”<sup>20</sup>

A teoria do brincar, expressão primeira de toda criatividade em um mundo de objetos internos e externos, impulso mesmo da transicionalidade, também se configura na articulação da força primeira do criar aos movimentos de significação propostos pela psicanálise. E aqui Winnicott revê mesmo o sentido de toda a disciplina:

“Em outros termos, *é a brincadeira que é universal* e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento, e portanto a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros.

**P**aradoxo é simultaneamente forma lógica e estética, que suspende a dimensão linear da forma de pensar da consciência.

O natural é o brincar, e o fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX é a psicanálise. Para o psicanalista não deixa de ser valioso que se lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido a Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar.”<sup>21</sup>

O brincar, base de todo agenciamento simbólico, e segundo Winnicott da própria possibilidade de vir a se dar o desenvolvimento humano, *é uma base unitária da existência humana*. A ela a psicanálise deve muito de sua força, ao desdobrá-la nos princípios dialéticos que permitirão a definição de cada posição e o sentido do jogo da existência no mundo da realidade compartilhada.

## Paradoxo

Para alguns, a emergência do paradoxo como forma conceitual e clínica na psicanálise é o mais poderoso aspecto da obra de Winnicott. Paradoxo é simultaneamente forma lógica e estética, que suspende a dimensão linear da forma de pensar da consciência.

Desde Freud a psicanálise sempre evocou paradoxos, e em Freud o paradoxo também sempre esteve presente. O livro dos sonhos está crivado de paradoxos, a partir mesmo do principal deles: o sonho tem sentido, mas este sentido está onde não está. O inconsciente em Freud *também se apresenta sob a forma do paradoxo*. Outros exemplos poderiam ser os movimentos psíquicos promovidos pelo momento edípico, ou os fundamentos da terapia, a saber a resistência e a transferência.

Winnicott, com sua clareza estilística muito rara em psicanálise, assumiu o paradoxo como uma forma essencial da experiência clínica, inscrevendo-o no interior dos fenômenos psíquicos observados, e sua teoria. Uma das conseqüências é mais um passo importante na direção da superação do modelo médico que deu origem à psicanálise, e que em algumas tradições de pesquisa a limitou.

Se os paradoxos estão por todo lugar em Winnicott, o mais potente de seus conceitos, de suas descobertas, é enunciado explicitamente nesta forma, e é suportado no analista como paradoxo: *“Do objeto transicional pode-se dizer que se trata de uma questão de concordância, entre nós e o bebê, de que nunca formulemos a pergunta: ‘Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior?’ O importante é que não se espere decisão alguma sobre esse ponto, a pergunta não é para ser formulada. (...) Chamo a atenção para o paradoxo envolvido no uso que o bebê dá àquilo que chamei de objeto transicional. Minha contribuição é solicitar que*

o paradoxo seja aceito, tolerado e respeitado, e não que seja resolvido. Pela fuga para o funcionamento em nível puramente intelectual, é possível solucioná-lo, mas o preço disso é a perda do valor do próprio paradoxo.”

“Esse paradoxo, uma vez aceito e tolerado, possui valor para todo indivíduo humano que não esteja apenas vivo e a viver neste mundo, mas que também seja capaz de ser infinitamente enriquecido pela exploração do vínculo cultural com o passado e com o futuro.”<sup>22</sup>

Aqui é vital que se mantenha o valor do paradoxo, que é uma suspensão do sentido, uma pergunta que não deve ser feita, uma forma cognitiva de abordar a experiência que deve ser evitada, sob o risco de que se perca o seu valor vital. É no paradoxo que o ser humano abre a possibilidade de inscrever-se no passado e no futuro através da cultura, ordem de experiência que também dificilmente se deixa definir em termos de “interno” ou “externo.” Tem valor de vida, e é uma das complexas condições de pensamento e estado de um analista: sustentar em si o paradoxo, diante da experiência de criação do analisando que é paradoxal.

Assim, por vezes sentimos que é na nossa destruição, ou no esvaziamento do valor de nossa psicanálise, que o cliente se faz. Em alguns casos difíceis, é no negativo, no avesso do avesso do avesso do avesso, que pode estar habitando a experiência possível de ilusão e criação daquela análise. Silêncio não é sempre resistência, é também capacidade de estar só; uso do objeto não é apenas o uso do analista na transferência, mas uso da própria vida. Mesmo a paralisação de uma análise pode significar a constituição de algo vital, que nem analista nem cliente ainda sabem o que significa nem o que é.

A inversão do valor da agressividade no trabalho analítico, derivada diretamente da teoria do suprimento ambiental, é algo que



pertence à mesma ordem que a sustentação do paradoxo. Diz Winnicott, a respeito da destruição do objeto pelo sujeito: "Surge assim um novo aspecto na teoria da relação de objeto. O sujeito diz ao objeto: 'Eu te destruí', e o objeto está ali, recebendo a comunicação. Daí em diante o sujeito diz: 'Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia' (inconsciente). Aqui começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu. É importante notar que não se trata apenas da destruição do objeto pelo sujeito pelo fato de o objeto estar fora da área de controle onipotente daquele. É igualmente importante o enunciado ao inverso, ou seja, que é a destruição do objeto que o coloca fora da área de controle onipotente do sujeito. Dessa forma o objeto desenvolve sua própria autonomia e vida, e, se sobrevive, contribui para o sujeito com suas próprias propriedades."<sup>23</sup>

Este processo, vital, se dá na transferência, e implica condições especiais do analista no sentido de continuar sobrevivendo quando pôde deixar-se destruir pelo cliente. "Na prática psicanalítica, as modificações positivas que se efetuam nesta área podem ser profundas. Tais modificações não dependem do trabalho interpretativo, mas da sobrevivência do analista aos ataques, que envolve e inclui a idéia da ausência de uma mudança de qualidade para a retaliação. Pode ser difícil ao analista suportar estes ataques, especialmente quando se expressam em termos de delírio, ou através de uma manipulação que o induz a determinados procedimentos, tecnicamente infelizes. (...) O analista preferia interpretar, mas isso poderia prejudicar o processo, e, para o paciente, poderia assemelhar-se a uma espécie de autodefesa, com o analista desviando o ata-

que do paciente. Neste caso, é melhor esperar que a fase passe, e então examinar com o paciente o que aconteceu. Isso é legítimo, decerto, considerando-se que o analista tem necessidades próprias, mas a interpretação verbal nesse ponto não é o aspecto essencial, e traz consigo seus próprios perigos. O aspecto essencial é a sobrevivência do próprio analista e a incolumidade da técnica psicanalítica."

A sobrevivência à destruição passa a definir o ser do analista e da psicanálise, para além mesmo de um possível uso defensivo de toda a coisa. O silêncio e o estar atento e vivo, não-destruído ao poder ser destruído, ocupam o lugar de alguma fantasia inconsciente que deve-se ser trazida à luz da consciência: suspende-se momentaneamente o uso da transferência pelo analista, uma vez que aqui ela deve ser *vivida e sobrevivida*, e não, em um primeiro momento, *interpretada*. É aqui que a fantasia *do paciente* tem origem, diz Winnicott.

Vemos por fim, em 1969, Winnicott chegando a configurar teoricamente, com muita precisão e com enorme repercussão técnica, a experiência clínica que buscou definir ao longo de toda sua vida: um bebê, em 1931, em extremo sofrimento, destruído por convulsões, que pôde ficar em seu colo pelo tempo necessário, pôde morder seus dedos até quase tirar a pele, pôde por espátulas na boca e jogá-las fora, e novamente experimentá-las e novamente jogá-las, pôde transformar a experiência que tinha do "ambiente Winnicott" em brincar, e pôde voltar a viver como uma pessoa no mundo.

#### Notas

1. D. W. Winnicott, "Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão Dentro do *Setting* Psicanalítico" (1954-5), in *Da Pediatria à Psicanálise*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, p. 462.
2. D. W. Winnicott, "O Brincar", in *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 73 e 74.

3. D. W. Winnicott, Introdução a *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*, Rio de Janeiro, Imago, p. 12.
4. M. M. Khan, "Cuando Llegue la Primavera", in *Cuando Llegue la Primavera*, Buenos Aires, Paidós, 1991, p. 81. A tradução é minha.
5. Ver, por exemplo, os comentários de André Green sobre a interpretação em Winnicott em "Concepções de Afeto", in *Sobre a Loucura Pessoal*, Rio de Janeiro, Imago, p. 203 e 204; ou o artigo de Octave Mannoni "O Diva de Procusto", in J. McDougall (org.), *O Diva de Procusto*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
6. O texto clássico de Lewin que pensa a relação entre a forma do *setting* e a estrutura da neurose clássica, do neurótico sonhador, é "Dream Psychology and the Analytic Situation", in Melvin Lansky (org.), *Essential Papers on Dreams*, New York University Press, 1992.
7. Para precisar o conceito de matriz clínica, ver Renato Mezan, "Problemas de uma História da Psicanálise", in Joel Birman (org.), *Percursos na História da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Taurus, 1988, p. 27.
8. D. W. Winnicott, "Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão dentro do *Setting* Analítico", op. cit., p. 467 e 468.
9. D. W. Winnicott, op. cit., p. 479.
10. D. W. Winnicott, "Enfoque Pessoal da Contribuição Kleiniana", in *O Ambiente e os Processos de Maturação*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990, p. 157 e 158.
11. M. Klein, "Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides", in *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 1985.
12. D. W. Winnicott, "Carta a Melanie Klein", in *O Gesto Espontâneo*, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 51; cf. *Percursos* nº 12, 1º semestre de 1994.
13. "Winnicott, desde o início, enfrentaria um tipo de dificuldade todo especial com seus colegas analistas: a de ser polidamente ignorado. Apesar de "A Defesa Maníaca", onde apresenta sua primeira declaração de como ia encerrar a pessoa humana, ter sido apresentado à British Psychoanalytical Society em 1935, só em 1957, quando ele me convidou para organizar sua primeira coletânea de trabalhos, é que dei com o original datilografado, e fiquei admirado de ele não ter sido publicado em parte alguma mais de 20 anos depois." M. Khan, "Prefácio" de *Da Pediatria à Psicanálise*, p. 11.
14. In Marion Milner, *A Loucura Suprimida do Homem São*, Rio de Janeiro, Imago, 1991, p. 89.
15. Outra importante "auto-biografia" analítica de Winnicott está na abertura do texto "A Localização da Experiência Cultural", quando comenta o verso de Tagore "Na praia do mar de mundos sem fim crianças brincam". Ali ele nos conta como desenvolveu-se pessoalmente com o saber freudiano, depois com o saber kleiniano, e por fim desenvolveu a sua própria concepção do inconsciente e da análise. In *O Brincar e a Realidade*, p. 133.
16. D. W. Winnicott, "A Criatividade e suas Origens", op. cit., p. 96.
17. Op. cit., p. 99.
18. Sou grato a Gilberto Safrá por esta noção.
19. Sobre o monismo e o dualismo em psicanálise, ver a discussão de Laplanche a respeito da negação por Freud de um princípio monista para o inconsciente, formulado por Jung; ele descaracterizaria a presença essencial da sexualidade no centro de todo o sistema. J. Laplanche, *A Sublimação*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 18.
20. D. W. Winnicott, op. cit., p. 120.
21. D. W. Winnicott, *O Brincar...*, p. 63.
22. D. W. Winnicott, op. cit., p. 28 e p. 10.
23. D. W. Winnicott, "O Uso de um Objeto e Relacionamento Através de Identificações", op. cit., p. 125 e 126.